

Nº 11
Volume 03
Maio
2006



Galante

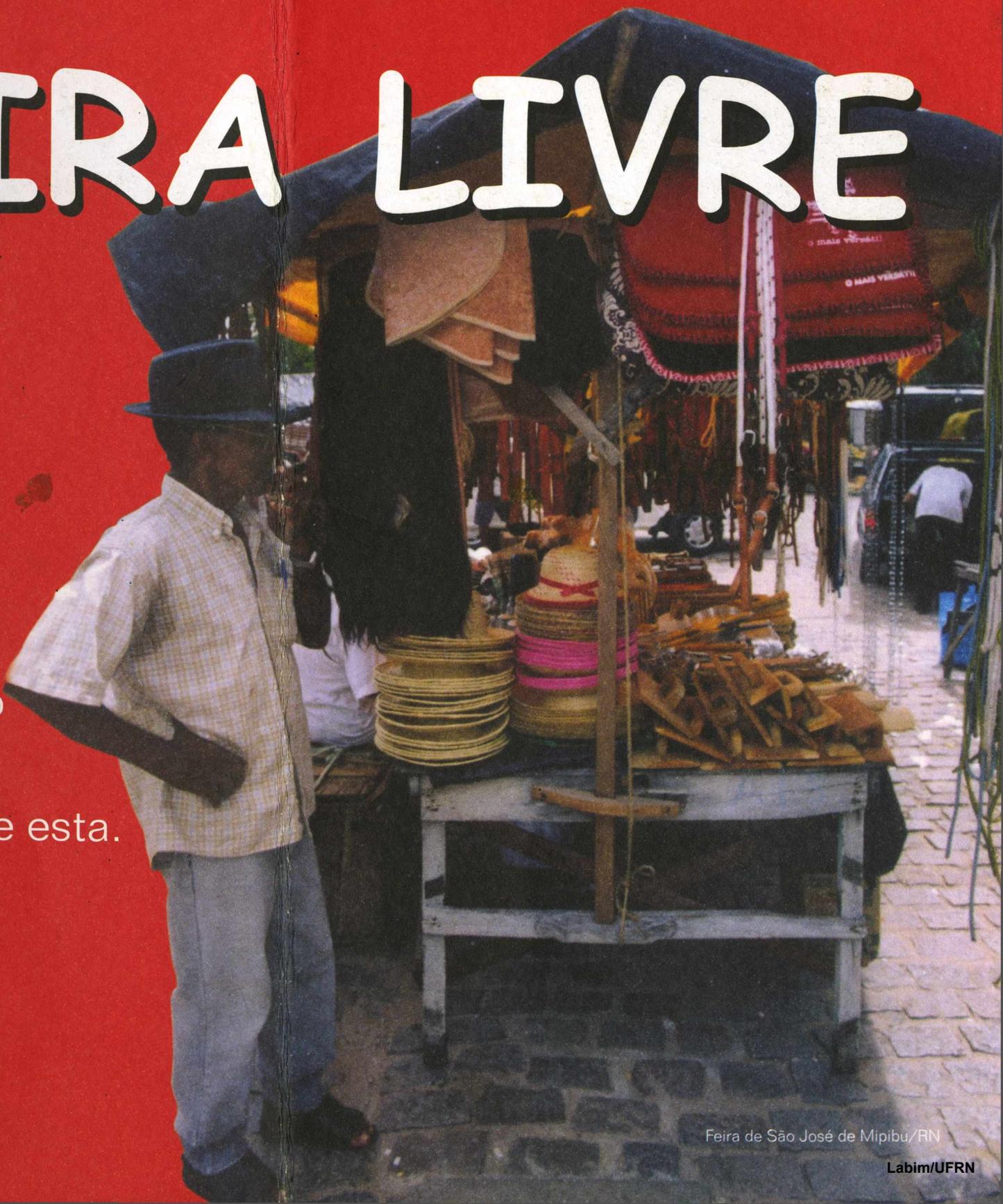
Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO

FEIRA LIVRE

Ana Cláudia Mafra da Fonseca

Dia de feira
é dia de festa.

A primeira impressão
que temos das feiras
livres é quase sempre esta.

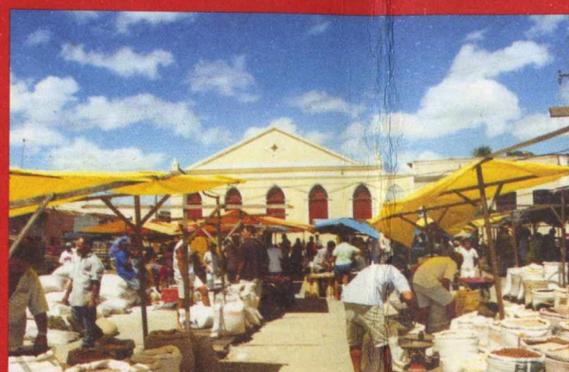


Feira de São José de Mipibu/RN

Labim/UFRN



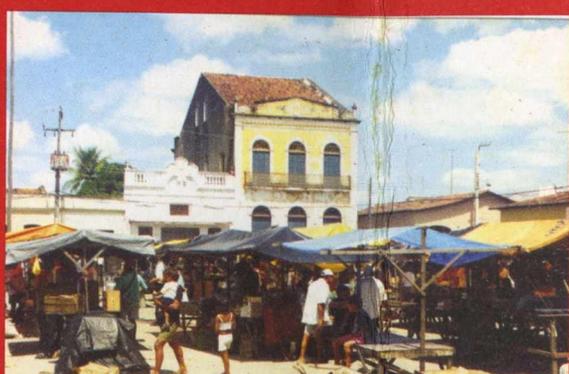
Feira de Igapó - Natal/RN



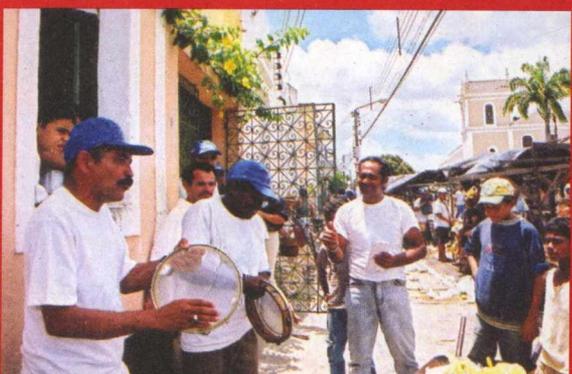
Feira de São José de Mipibu/RN



Feira de Igapó - Natal/RN



Feira de São José de Mipibu/RN



Feira de Goianinha/RN



Feira de Igapó - Natal/RN



Feira do Alecrim - Natal/RN



Feira das Rocas - Natal/RN



Feira de São José de Mipibu/RN



Feira do Carrasco - Natal/RN

No Brasil, e sobretudo no nordeste brasileiro, não faltam exemplos dessa reunião quotidiana, coletiva e colorida: tão importante na nossa formação cultural que por "feiras" se designam os nomes de quase todos os dias da semana. Em Natal funcionam, atualmente, cerca de vinte feiras livres, itinerantes ou não, nos principais bairros da capital. Destacam-se, dentre elas, as feiras do Alecrim (aos sábados), do Carrasco (às quartas-feiras), das Rocas (às segundas-feiras) e da Cidade da Esperança (aos domingos), por serem as maiores ou as mais tradicionais. Mas não são as únicas: da zona norte à zona sul, em algum dia específico da semana, elas sempre acontecem.

De tudo você pode encontrar na feira: do peixe fresco aos plásticos, da sandália de couro aos importados, razão pela qual é ainda hoje um ponto de interseção de diferentes idades e classes sociais, um espaço que une a tradição à contemporaneidade sempre se adaptando ao tempo, incorporando o ritmo eletrônico da cidade grande aos sonoros gritos e pregões dos ambulantes, vendedores, fregueses, dos velhos e meninos, trabalhadores e desocupados, todos conhecidos, todos personagens de um mesmo palco. Podemos dizer ser este um universo de tradições, mesmo que algumas delas sejam inventadas ou mesmo re-inventadas pelo grande dinamismo cultural que caracteriza nossa sociedade.

Olhar a feira sob uma perspectiva tradicional: mangaeiros, verdureiros, fumo de rolo, rapadura, doce no quilo, meninos vendendo sacolas confeccionadas a mão, utilitários de couro e barro, linha, agulha, corda de sisal, galinha viva, balaio de palha, mel de furo, lambedor, cereais "a granel", queijo fresco e goma de mandioca, cego pedindo esmola, troca-troca, velhinhos conversando e rindo, folhetos e almanaques, viola e pandeiro...

Olhar a feira com os olhos de hoje: conservas, enlatados, equipamentos eletrônicos, peças de automóveis, hidráulicas e elétricas, produtos industrializados, roupas "de marca", sandália "havaiana", tênis "rainha", importados de R\$ 1,99, carros de som, antenas de TV, cds e fitas piratas, discos de vinil usados, gibis, os sucessos musicais do momento, o vendedor de celular em punho, a propaganda do supermercado ao lado...

Perspectivas distintas apenas superficialmente: na feira tudo se mistura e tudo se transforma. De repente, encontramos o lambedor industrializado e as conservas feitas em casa, a rapadura tipo exportação e as antenas de TV feitas com fio retorcido no mais autêntico estilo artesanal. Tem coisa que a gente, só encontra na feira. Tem coisa que a gente por incrível que pareça, também encontra

na feira. Tudo isso faz da feira, um território marcado pela diversidade e pelos contrastes, sejam eles sociais, culturais ou econômicos. Os tempos e os espaços se cruzam na feira. O passado e o presente, o campo e a cidade, o mar e o sertão, todos estão ali presentes nos alimentos, nos olhares casuais, no jeito sempre à vontade dos feirantes, nos modos, costumes, no interesse curioso pelas novidades.

Apesar da diversidade, da qualidade e da especificidade de certos itens encontrados nas feiras, não é difícil notar que nem sempre são o preço e a qualidade do produto os principais motivos que levam os consumidores a esses mercados livres. O homem da feira geralmente traz de casa o costume quando consumidor ou a profissão quando feirante, e faz disso um hábito semanal, embora também compartilhe da comodidade e dos preços mais competitivos dos grandes supermercados e lojas especializadas.

Os feirantes, principalmente, vivem em função deste comércio específico, tendo em vista sua natureza itinerante, que varia um pouco de acordo com o grau de urbanização dos territórios. Em cidades grandes, ou seja, nas cidades maiores e mais urbanizadas, as feiras acontecem em bairros geralmente os mais antigos ou mais "populares" e sempre no mesmo dia da

semana. Assim, para cada dia da semana é possível que em algum lugar de Natal, Fortaleza, Recife ou João Pessoa, por exemplo, haja uma feira livre funcionando. Já em cidades menores, nos municípios e distritos mais afastados dos centros urbanos, as feiras livres são parcialmente fixas, pois alguns feirantes geralmente os que comercializam carnes, legumes, frutas e verduras vendem ali seus produtos todos os dias da semana. Mas a feira completa continua seguindo o mesmo calendário semanal, e é só no "dia da feira" que a reunião está completa. Aos vendedores fixos (geralmente moradores da cidade), juntam-se os itinerantes, os visitantes, os fregueses, os que estão ali só a passeio... e com eles uma infinidade de produtos das mais diversas regiões.

Caminhão, caminhonete, até carro menor serve para o transporte dos produtos, para não falar no carrinho de mão, que tanto serve para trazer a mercadoria, expô-la para venda ou mesmo levar as compras daquela freguesa que mora mais pertinho da feira, rendendo ainda um trocado para o carregador. Ou na bicicleta, que em muitas cidades do interior constitui o principal e mais eficiente meio de transporte: barata, funciona sem combustível e quase todo mundo pode usar - quem tem uma é dono de um bem praticamente comunitário.

As feiras são lugares sonoros por natureza. A reunião pública de pessoas em torno de dois objetivos muito próximos vender e comprar não poderia

resultar em outra coisa que não fosse música. E a música da feira é a reunião de todos os sons, todas as vozes em gritos, pregões, frases cantadas, somadas às músicas dos alto-falantes, dos carros de som, dos sound-systems tocando, em último volume, os cds piratas à venda, gente conversando, gente se encontrando, gente pondo o assunto da semana em dia... Juntas, essas sinfonias de vozes e sons revelam um discurso quase cifrado, muito peculiar e até desconexo a quem se coloca de fora do espaço, mas também muito rico e significativo para quem participa dele. Para nós que chegamos de fora ou mesmo para o comprador distraído, a feira parece ter uma linguagem própria, a linguagem dos números, dos múltiplos e frações de reais, sejam eles escritos ou anunciados verbalmente no grito. Mas um pouco mais de atenção nos leva a perceber que ali também existem vozes que induzem a um diálogo marcado pela troca de experiências, afirmando ciclicamente uma afinidade cultural e social entre quem vende e quem compra.

No espaço contemporâneo da feira livre popular, não precisamos andar muito para encontrar narradores em potencial. Vendedores ambulantes, compradores casuais, famílias inteiras que vivem deste tipo tão peculiar de comércio... Seriam eles, quem sabe, mestres e aprendizes na arte de contar e ouvir estórias, já que nesse sentido estamos em um espaço interativo, onde todas as vozes têm a mesma riqueza em

experiência e memória. Encontramos também algumas atividades intimamente associadas ao trabalho manual que, por sua natureza, é uma atividade que suscita a lembrança: mulheres fazendo crochê, sentadas ao lado das suas bancas, outras debulhando feijão verde... Quantas histórias teriam elas para contar...

Historicamente, as primeiras feiras surgiram para satisfazer as necessidades de trocas entre as pessoas. A partir e ao redor delas surgiram as comunidades, os burgos, as cidades. Com o passar do tempo, a invenção da moeda substituiu a troca pelo comércio dos produtos.

De lá pra cá muito

Galante
Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO
 Fones: (84) 211-8241/fax: 211-8790
 Direção Artística e de Pesquisa
 Dácio Galvão
 Direção Executiva e Fotografias
 Candinha Bezerra
 Consultoria
 Luiz Assunção
 Colaborador
 Ana Cláudia Mafra da Fonseca
 Professora da Universidade Potiguar
 Doutora em Literatura e Cultura-UFPB
 Revisão
 Fernando Cardoso
 Programação visual
 Jussié Costa

ocorreu, e muitas outras grandes e pequenas revoluções alcançaram ainda que distintamente todas as classes sociais. Mas ainda assim, em meio ao povo, sempre com suas raízes no povo, entre as coisas de ontem e de hoje, com um pé na tradição e outro no presente, parece que elas estão ali, parece



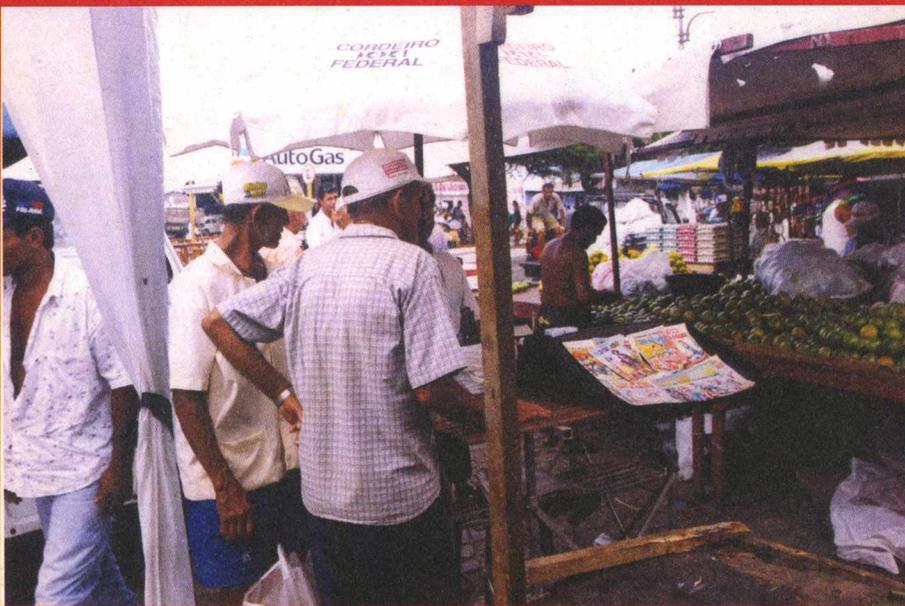
Ventriloquo,
ganha a vida na feira do Alecrim - Natal/RN
 Labim/UFRN



Banca de mangaio. Feira do Alecrim - Natal/RN



Feira do Alecrim - Natal/RN



Feira do Carrasco - Natal/RN



Feira das Rocas - Natal/RN

que sempre estiveram ali, seja no Alecrim ou nas Rocas, no Carrasco ou em Nova Natal. Quer na cidade ou no interior, estão ali em dia, horário e endereço certo: dia de feira, onde "de tudo" a gente encontra.

As principais feiras

Feira do Alecrim: considerada a mais tradicional feira livre da cidade, começou em 1920, inicialmente aos domingos, passando a funcionar aos

sábados a partir de 1936. O ponto de concentração é a Av. Presidente Quaresma, popularmente conhecida como Avenida 1. É composta atualmente por cerca de 1000 barracas ambulantes.

Feira das Rocas: esta tradicional feira de pescadores surgiu por volta de 1928. O ponto de referência é o Hospital dos Pescadores, do INSS. Acontece sempre às segundas-feiras. Ao

contrário da feira do Alecrim, que ocupa algumas ruas do bairro, a feira das Rocas funciona em um largo e a maioria das barracas fica ali disposta mesmo nos dias em que a feira não funciona. É formada por cerca de 600 barracas.

Feira do Carrasco: surgiu entre as décadas de 40 e 60, na Avenida 9, passando por várias mudanças de local (Av. Bernardo Vieira, Avenida

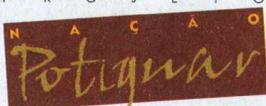
4, Avenida 12). Atualmente funciona na Rua dos Paianasis (Avenida 10), no Bairro Dix Sept Rosado, sempre às quartas-feiras. Aproximadamente 540 barracas comercializam seus produtos nesta feira.

Feira da Cidade da Esperança: surgiu entre as décadas de 70 e 80. Apesar de ser uma feira recente, em comparação com as outras, é com certeza uma das maiores da cidade, composta por

mais de 1100 barracas. Funciona entre as ruas Campina Grande e Cajazeira, semanalmente aos domingos.

Feira do Conjunto Santa Catarina: surgiu na década de 80 com a criação dos conjuntos habitacionais na Zona Norte de Natal. Está localizada no Conjunto Santa Catarina e possui 500 barracas.

PROJETO



Scriptoria Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



DIÁRIO
DE NATAL

